

LAZER DA/NA FLORESTA: AS PRÁTICAS DE LAZER DOS MORADORES E VISITANTES DA ILHA DO COMBÚ EM BELÉM-PA-BRASIL

Douglas Carvalho Rocha¹

Universidade Federal do Pará

Lucília da Silva Matos²

Universidade Federal do Pará

RESUMO: O artigo tem como objetivo conhecer a realidade cultural de lazer da Ilha do Combú em Belém-PA. Realizou-se pesquisa de campo com observação e entrevistas semi-estruturadas, para levantamento e análise das atividades de lazer praticadas pelos moradores e visitantes da Ilha. Verificou-se uma cultura lúdica própria do cotidiano de lazer dos moradores, decorrente do diálogo com a natureza, já os visitantes, trazem hábitos arraigados de sua cultura urbana para o espaço da floresta.

Palavras-chave: Lazer da floresta. Lazer na floresta. Ilha do Combú.

LEISURE OF / IN THE FOREST: THE PRACTICE OF LEISURE OF RESIDENTS AND VISITORS OF COMBU'S ISLAND IN BELÉM- PA-BRAZIL

ABSTRACT: The article aims to know the cultural reality of the leisure Combu's Island in Belém-PA. He conducted field research with observation and semi-structured interviews, to survey and analysis of leisure activities practiced by the residents and visitors of the island. There was a very playful culture of the residents leisure daily, due to the dialogue with nature, have visitors, bring ingrained habits of its urban culture for Forest space.

Keywords: Leisure forest. Leisure in the forest. Combu's Island.

EL ÓCIO DE / EN EL SELVA: LA PRÁCTICA DE ACTIVIDADES DE ÓCIO DE LOS RESIDENTES Y VISITANTES DE COMBÚ ISLA EN BELÉN-PA-BRASIL

RESUMEN: El artículo tiene como objetivo conocer la realidad cultural del ócio Combú Isla en Belém-PA. Llevó a cabo la investigación con la observación de campo y entrevistas semi-estructuradas a la encuesta y el análisis de las actividades de ócio practicadas por los residentes y visitantes de la isla. Hay una cultura muy juguetón en el ócio diario de los residentes que surge del diálogo con la naturaleza y los visitantes que llevan hábitos arraigados de la cultura urbana en el espacio del bosque.

Palabras-clave: Ócio de la selva. Ócio en la selva. Isla de Combú.

¹ Especialista em Planejamento e Gestão Pública do Turismo e do lazer (UFPA/Campus Belém-Pará-Brasil). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Lazer e Ludicidade na Amazônia-MOÇARAI. Email: douglas.roccha@gmail.com

² Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará (UFPA/Campus Belém-Pará-Brasil). Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –(PUC-SP) e líder do Grupo de Estudo e Pesquisa Lazer e Ludicidade na Amazônia – MOÇARAI. Email: luciliasmatos@gmail.com

Caminhos percorridos nas águas que nos conduzem e banham a Ilha do Combú

Este artigo refere-se à sistematização dos resultados de uma pesquisa de campo que teve como principal *locus* a Ilha do Combú, mas o olhar esteve direcionado especificamente para o cotidiano de lazer dos moradores e dos visitantes da Ilha.

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, a qual, segundo Teixeira (2010), tem as seguintes características:

O pesquisador observa os fatos sob a óptica de alguém interno à organização; a pesquisa busca uma profunda compreensão do contexto da situação; a pesquisa enfatiza o processo dos acontecimentos, isto é, a sequência dos fatos ao longo do tempo; o enfoque da pesquisa é mais desestruturado, não há hipóteses fortes no início da pesquisa. Isso confere à pesquisa bastante flexibilidade; a pesquisa geralmente emprega mais de uma fonte de dados (TEIXEIRA, 2010, p.137 - 138).

Nesta perspectiva, procuramos evidenciar o significado do lugar, sob a ótica dos sujeitos interlocutores da pesquisa, a subjetividade dos respectivos modos de vida e percepção do mundo e as relações entre o homem e a natureza, no sentido de identificar as formas de lazer e quais os sentidos e significados dessas experiências para o ambiente que habitam ou frequentam, visando conhecer e analisar o cotidiano da floresta a partir das práticas de lazer vivenciadas pelos moradores e visitantes.

A ilha é entrecortada pelos chamados “furos”, que cumprem a função de estreitos caminhos que dão acesso aos espaços internos da ilha. A pesquisa de campo foi realizada mais precisamente no furo da Paciência, adotando-se como critério de escolha o fato de que neste local encontram-se os dois maiores e mais visitados restaurantes da ilha, e de haver outros pequenos restaurantes ao longo desse furo. Destaca-se também que neste local encontram-se o único posto de saúde e a única escola da ilha, além da “fábrica artesanal de chocolate de cacau”, que atualmente é uma atração turística da ilha do Combú.

A pesquisa possui um caráter exploratório, que, segundo Gil (1999, p. 43), “visa proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo; e possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores”.

Na primeira etapa da pesquisa (novembro e dezembro de 2014), desenvolvemos um processo de observação do cotidiano vivido a partir de um roteiro previamente elaborado. Tivemos a oportunidade de visitar a ilha para um primeiro reconhecimento,

seja frequentando alguns restaurantes, seja indo aos locais de moradia dos nativos da Ilha. O processo de observação foi registrado em diário de campo, instrumento utilizado neste estudo como objetivo de registrar os dados e fatos no momento da observação, para depois estudá-los e analisá-los, como nos orienta Vianna:

As notas de campo devem ser feitas imediatamente, na medida do possível. Muitos observadores, durante o processo de observação, fazem apenas simples anotações para mais tarde desenvolvê-las, detalhando os diferentes aspectos que foram observados. As notas de campo devem relatar aquilo que ocorreu, quando ocorreu, em relação a que ou a quem está ocorrendo, quem disse o que foi dito e que mudanças ocorreram no contexto. É necessário que as observações sejam concretas, devendo o observador evitar o emprego de palavras abstratas ou sujeitas a múltiplas interpretações (VIANNA, 2003, p. 31).

Na segunda etapa da pesquisa (janeiro de 2015), também utilizamos como técnica metodológica as entrevistas semiestruturadas, a partir de um roteiro previamente elaborado. Demo (1995) afirma que a entrevista semiestruturada é uma atividade científica que permite ao pesquisador descobrir a realidade. Por sua vez, Minayo (2001) afirma que:

Para essa modalidade de abordagem, o roteiro deve desdobrar os vários indicadores considerados essenciais e suficientes em tópicos que contemplem a abrangência das informações esperadas. Os tópicos devem funcionar apenas como lembretes, devendo, na medida do possível, ser memorizados pelo investigador quando está em campo. Servindo de orientação e guia para o andamento da interlocução, o roteiro deve ser construído de forma que permita flexibilidade nas conversas e a absorver novos temas e questões trazidas pelo interlocutor como sendo de sua estrutura de relevância (MINAYO, 2001, p.191).

Os interlocutores entrevistados foram identificados pelas seguintes características: moradores da ilha, visitantes da ilha e proprietários dos restaurantes (QUADRO 1).

Quadro 1 – Caracterização dos interlocutores entrevistados

INTERLOCUTORES	Nº DE ENTREVISTADOS	DESCRIÇÃO
Moradores da ilha	10	Pessoas que nasceram ou moram na ilha há pelo menos cinco anos
Visitantes	10	Pessoas que moram na RMB e fora do estado ou do país.
Proprietários de restaurantes	03	Empresários ou gerentes dos restaurantes que funcionam na ilha; e alguns são moradores da ilha.

Organização: Rocha, 2015.

A Ilha do Combú como opção de lazer: limites e possibilidades

A ilha do Combú tem se caracterizado como uma das opções de lazer na cidade de Belém. O próprio deslocamento da cidade para a Ilha permite que a maioria dos visitantes tenha contato com paisagens e sensações diferenciadas das que têm no seu dia-a-dia, pois a única forma de deslocamento para a Ilha é o transporte fluvial, por meio de pequenas embarcações coloridas que partem do trapiche localizado na Praça Princesa Izabel, no bairro da Condor, em Belém. Ali então começa o passeio de barco que dura aproximadamente 15 minutos, dependendo da maré, e custa, em média, R\$ 4,00 (quatro reais) por pessoa.

Em poucos minutos pode-se chegar do outro lado da margem do rio Guamá, tendo a oportunidade de se deparar com uma realidade totalmente diferente, pois ali se encontra um pedaço da floresta amazônica, cuja paisagem destaca-se pelo colorido das águas barrentas do rio, do verde da mata, dos animais, das casas dos moradores e pelos trapiches e restaurantes localizados nos furos que dão acesso à Ilha do Combú. Nos finais de semana, principalmente, o número de embarcações particulares (lanchas e *jet-ski*) e de transportes de visitantes (barcos e lanchas) aumenta consideravelmente, trazendo pessoas que desejam ter um maior convívio com a natureza, degustar iguarias amazônicas oferecidas pelos inúmeros restaurantes, e a fim de conversar e relaxar em meio à floresta, na beira do rio, de onde se pode visualizar a cidade.

Por outro lado, os moradores da floresta ou aqueles que vivem à beira-rio na Amazônia, entre os quais se incluem os moradores da ilha do Combú, acessam as práticas de lazer a partir de suas condições socioambientais: na relação com os recursos oferecidos pela floresta, o fluxo das marés e a natureza em geral. Assim, a sua relação

trabalho/lazer se dá em patamares diferenciados da forma como o lazer acontece para a maioria das pessoas que vive nos centros urbanos.

Sabemos que na modernidade, principalmente a partir do século XIX, houve uma mudança de enfoque determinante para a compreensão das práticas lúdicas que aconteciam no cotidiano da sociedade urbano-industrial. Se por muito tempo a dimensão de tempo/espaço teve a natureza como determinante das relações socioculturais, sem haver necessariamente uma ruptura dos tempos de trabalho com os de festejos e outras práticas lúdicas, com as mudanças no âmbito do trabalho e das novas formas de organização social, que passam a se constituir com o acirramento do capitalismo, o tempo de referência deixa de ser o da natureza e passa a ser o tempo artificial dos relógios da fábrica, do trabalho etc. É nesta perspectiva que surge a categoria lazer, e este passa a ser visto como tempo/espaço propício para vivências e diversas experiências classificadas como não pertencentes ao mundo do trabalho, de modo que essa passa a ser a referência hegemônica, principalmente nas modernas sociedades urbano-industriais.

Como afirma Gomes (2003), o lazer surge nas sociedades urbano-industriais a partir de um período histórico (modernidade) em que se passa a valorizar a força de trabalho para o acúmulo de capital, e logo se percebe e se reivindica uma menor jornada de trabalho para se usufruir o tempo livre para o lazer. A partir de então, o lazer foi se constituindo como um fenômeno social, que também passou a ser estudado e, como resultado, tem-se uma série de pesquisas e publicações que vêm tentando dar conta das diversas problemáticas que emergem das práticas de lazer nas sociedades modernas.

Embora essa visão de tempo para as práticas lúdicas passe a ser a referência hegemônica, ela não é monolítica, de modo que existem experiências diversificadas nas comunidades em que as práticas de lazer e a relação entre lazer e trabalho se configuram em perspectivas diferenciadas, como é o caso de muitos moradores da Ilha do Combú.

Um estudo feito por Dergan (2006) verificou que entre as práticas surgidas a partir da década de 1980 do século XX, as atividades turísticas no Combú forjam, criam e recriam naturezas dos espaços e dos tempos. Neste sentido, podemos perceber um turismo como principal atrativo para o lazer na ilha, mas que também vem carregado de ideologias de quem procura, seja o visitante, o morador ou o dono de restaurante, e logo se mostra o que visitante quer ver, forjam-se ambientes e constroem-se espaços para a atividade turística, porém camuflando culturas e urbanizando ambientes na floresta – aspectos até certo ponto presentes quando conhecemos os grandes restaurantes existentes na Ilha.

Segundo Bahia e Figueiredo (2008), é importante ressaltar que categorias como lazer e turismo são complementares, mas não significam a mesma coisa, pois a compreensão de lazer remete a uma amplitude de outros conteúdos culturais. Já para Villaverde (2003), parece razoável admitir que a atividade turística esteja inserida num

universo mais amplo, o do lazer, o que torna imprescindível discuti-los conjuntamente. Nesta perspectiva, podemos observar que as duas categorias estão entrelaçadas, principalmente pela vivência em áreas de preservação da natureza, como no caso deste estudo, pois na ilha do Combú utiliza-se do turismo como ferramenta de lazer nos espaços que a ilha oferece. As práticas cotidianas e ao seu modo de vida: o banho de rio, a pelada, o bilhar, o empinar pipa (ou papagaio), as caminhadas na mata, a pesca, a caça, o artesanato, as conversas nos trapiches na beira do rio contemplando a natureza, até que ponto essas práticas são influenciadas pelas vivências urbanas. Por outro lado, percebemos que o modismo e principalmente a alienação em relação ao conhecimento sobre o modo de vida dos moradores locais estão presentes no uso do espaço do rio e do entorno da Ilha, daí a necessidade de entender como os visitantes – moradores da cidade de Belém e turistas – veem esta comunidade, e quais são as atividades de lazer que se desenvolvem na Ilha.

LAZER DA FLORESTA: OS ESPAÇOS E AS EXPERIÊNCIAS DE LAZER DOS MORADORES DA ILHA DO COMBÚ

Segundo Batista (2011), o ribeirinho, enquanto categoria designativa favorece a identificação de elementos definitórios como: modos de vida, aproveitamento e exploração de recursos naturais, ocupação e apropriação do território, identidade cultural simbólica, crenças e valores. Nesse contexto, os moradores da Ilha do Combú, têm uma cultura ribeirinha que o define na sua relação com o lugar, no sentido e significado que dá a este, características específicas e um modo de vida próprio e diferenciado dos que moram na cidade de Belém e também em outros lugares.

Neste sentido, classificamos como o lazer “da” floresta as práticas e as experiências de lazer das pessoas que moram na Ilha do Combú que, portanto, usam os espaços em vivências de lazer historicamente construídas na cultura dessa comunidade. Por outro lado, classificamos como o lazer “na” floresta, as práticas e experiências dos visitantes da Ilha do Combú, uma vez que as formas de lazer se limitam aos espaços dos restaurantes e a práticas ainda bastante urbanizadas.

O espaço é entendido como suporte para os equipamentos e os equipamentos são compreendidos como os objetos que organizam o espaço em função de determinada atividade. [...], conclui-se que é possível se exercer atividades de lazer sem um equipamento, mas é impossível fazer um lazer sem a existência de um espaço (MARCELLINO, 2006, p. 66).

Os equipamentos de lazer da ilha do Combú caracterizam-se como não específicos, pois em nossas observações e nos relatos dos moradores verificamos que, com exceção de um campo de futebol improvisado, não há espaços destinados

especificamente ao lazer (cinemas, teatros, praças, quadras etc.). Nesse sentido, diferentemente das cidades, há espaço, daí que a vivência do lazer se dá em outra lógica bastante próxima das outras dimensões da vida, como do trabalho, da religião, do deslocamento, da alimentação etc.

No entanto, mesmo assim os moradores querem usufruir e ter o direito de acesso a alguns desses equipamentos específicos de lazer:

Aqui a gente não tem lugares assim pra diversão, né [...] só os mais jovens que têm as festas pra ir, os bares que tem aí na beira do rio, eu não gosto disso, e também tem que ter dinheiro pra ir né? (Moradora da ilha, 52 anos. Entrevista concedida em janeiro de 2015).

Logo se percebe na ilha do Combú a ausência de equipamentos construídos para o lazer, mas a floresta existe como espaço de convivência e de relações sociais entre os indivíduos que ali residem, no caso, a floresta e tudo que nela existe (rio, árvores, cipós, terra, plantas), transformando aquele espaço em experiência de lazer.

Não distante da cidade de Belém e das influências trazidas pela urbanidade, os moradores da ilha, cercados pela natureza criam suas identidades culturais nas quais a floresta tem uma influência muito forte. Por ser o seu espaço de convivência, usam os elementos e coisas que esta proporciona para as suas práticas de lazer, por exemplo, tomar banho no rio é uma prática muito comum.

Aqui não tem muita opção não, então a gente inventa, toma banho no rio, às vezes vai ali pro bar pra beber uma com os conhecido, joga bola às vezes quando dá, também gosto muito de assistir jogo na televisão [...] e também gosto das festa que tem aqui à noite, lá no Ilha Bela sempre tem festa. (Morador do Combú, 23 anos. Entrevista concedida em janeiro de 2015).

Nas observações em campo e nas entrevistas identificamos as principais práticas de lazer dos moradores, dentre as quais se destacam as festas religiosas, os torneios de futebol, os jogos escolares e as manifestações culturais dos grupos folclóricos.

Festas religiosas

Na ilha existem igrejas católicas e evangélicas. Alguns entrevistados relataram que pela religião protestante, acontecem encontros de grupos de senhoras e jovens, que se reúnem com frequência. Portanto, pelos relatos podemos afirmar que nessas vivências estão os conteúdos que o lazer proporciona, pois, através desses encontros eles conversam, distraem-se, contam histórias da vida cotidiana, confraternizam-se e criam laços de sociabilidade.

Tem, e aqui na ilha do Combú, vamos dizer assim, a maioria da população é evangélica e tem as festividades deles né? Tem festa do grupo de oração das senhoras, tem dos jovens; aí no período de férias tem a escola dominical bíblica que eles fazem; e a católica é bem pouca aqui na ilha, mas nas outras ao redor é mais forte, aí tem a festividade de cada comunidade [...] tem a Madre Paulina no Periquitaquara, a de Santo Antônio, aí tem Santa Maria, e assim vai [...] e todos são convidados a participar né, pessoas daqui que vão pra lá, as de lá vêm pra cá, e assim acontece (Moradora do Combú, 27 anos. Entrevista concedida em janeiro de 2015).

Campeonatos de futebol

Outras possibilidades de lazer dos moradores caracterizam-se como atividades físico-esportivas, como os campeonatos amadores de futebol. Na ilha existem espaços com o campo de futebol improvisado, construído pelos moradores para estas práticas. Assim, visitantes de outras ilhas são convidados a competir nos torneios de futebol organizados em equipes de solteiros contra casados, entre outros campeonatos.

Tem os jogos de futebol, às vezes torneio de solteiro contra casado né? Aí vem pessoas lá do outro furo, de outras ilhas pra jogar contra os time daqui, tem também os grupos folclórico né? Eu faço parte de um aqui na ilha, a gente dança quadrinha, carimbó (Moradora da ilha, 26 anos. Entrevista concedida em janeiro de 2015).

Jogos escolares das ilhas

Promovido pela escola municipal que funciona na ilha do Combú, os jogos escolares buscam, através de atividades lúdicas, o reforço da identidade ribeirinha, com atividades que remetem principalmente ao ambiente da floresta, como subir em açazeiros para apanhar o fruto em menor tempo, retirá-los do cacho e acondicioná-los em paneiros (cestos feitos com tala de palmeiras da região amazônica) e a confecção da peconha (objeto feito de forma artesanal com a folha da palmeira de açaí, que serve para prender os pés e subir no caule e apanhar os cachos de açaí no topo da palmeira), entre as principais atividades dos jogos que contam com alunos moradores da ilha do Combú e de outras ilhas vizinhas. Esses jogos promovidos pela escola em uma determinada data do ano, ganha ares de festa e grande confraternização, uma vez que a escola é a promotora, mas a floresta é a grande anfitriã.

Grupos folclóricos

Nas entrevistas, os jovens relataram a existência de um grupo folclórico da ilha. Neste grupo, os jovens reúnem-se para ensaiar, dançar e se apresentar nas festas populares, principalmente no grupo de carimbó e quadrilha junina.

Brincadeiras, conversas e contemplação da natureza

É comum entre as crianças da ilha as brincadeiras de faz-de-conta sobre a vida cotidiana dos adultos, retrato da realidade vivida na ilha, do que é significativo na realidade do dia a dia, como: pescar, colher açaí, cacau, fazer embarcações, entre outras.

Isso pode ser verificado no estudo feito por Teixeira e Alves (2008), que constataram que a beira do rio constitui o principal local das brincadeiras das crianças da ilha do Combú. Podemos observar nas falas dos interlocutores que o rio tem um significado importante com relação à vida das crianças, mas também dos adultos, que fazem dele o seu principal meio para o lazer, seja na contemplação da paisagem ou nas brincadeiras.

Saio com meus amigos aqui da ilha pra conversar, tomar banho no rio, apanhar fruta, namorar, ir pra festa que tem de vez em quando, é isso, eu gosto das pessoas daqui (Morador do Combú, 19 anos. Entrevista concedida em janeiro de 2015).

Como nos diz Souza (2007), a primeira referência da vida ribeirinha relaciona-se à dinâmica e aos cursos fluviais da Amazônia. Sua importância revela a sobrevivência e o desenvolvimento de várias localidades que são entremeadas pelas águas, pois é por meio delas que a cotidianidade se reproduz material e imaterialmente. Através dos cursos fluviais se especializam sonhos, desejos, encontros e modos de vida, e o homem amazônida cria os seus próprios mecanismos de usar o espaço e o tempo de trabalho e de lazer. Nesse sentido, muitas práticas de lazer vividas têm o rio como referência, visto que este está relacionado ao cotidiano das pessoas que habitam a ilha do Combú. Logo, o rio torna-se um dos principais espaços para a vivência de diversas atividades de lazer.

Mas, percebe-se também que devido à falta de equipamentos, de espaços específicos e à ausência de uma política de animação cultural que valorize os saberes e as práticas tradicionais da Ilha, há uma forte influência das práticas culturais urbanas, descontextualizadas da dimensão cultural da Ilha, como em alguns eventos organizados neste ambiente:

[...] sou contra umas *raves* que acontecem aqui porque é muita droga, prostituição, tudo que não presta. As pessoas vêm de Belém fazer festa, não é morador da ilha não, são

empresários de Belém que vêm. Às vezes dura dois dias; todo mundo sabe que tem. Mas tem também as festas de aparelhagem, que é muito bacana, em alguns restaurantes na beira do rio que acontecem (Moradora do Combú, 26 anos. Entrevista concedida em janeiro de 2015).

Neste sentido, o lazer “da” floresta acaba sofrendo ações exógenas, e trazendo consigo prejuízos para a juventude, uma vez que algumas festas de aparelhagem, as raves promovidas por empresários e promoters da cidade, acabam servindo para o uso de drogas, prostituição juvenil e um rompimento com a cultura da ilha em suas práticas de lazer.

O LAZER NA FLORESTA: AS PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS DE LAZER DOS VISITANTES NA ILHA DO COMBÚ

Nas nossas observações, percebemos que há diversos restaurantes na ilha³, para todos os gostos e tipos de público. Podemos afirmar que, além da natureza, os restaurantes são os principais atrativos para os visitantes, uma vez que a maioria dos entrevistados passou a visitar a ilha para apreciar o que a culinária amazônica tem a oferecer, em um espaço de floresta, e ao mesmo tempo na beira do rio, com vista para Belém, o contraste é notório: estar na floresta e olhar uma cidade de concreto, que parece tão longe e tão perto.

No entanto, as atividades do lazer são bastante restritivas, uma vez que não há incentivo para que os visitantes conheçam a ilha como um todo, inclusive a cultura da comunidade local. Quando perguntamos aos visitantes se conheciam a Ilha, a resposta foi praticamente unânime – quase todos responderam que não conheciam a ilha, para além dos restaurantes.

Não conheço. Só conheci o restaurante e a comida, acho que aqui tem um grande potencial turístico porque é um pedaço da Amazônia né. É lindo isso aqui, mas falta mais estrutura – falo no sentido do deslocamento, da segurança e os preços tão exorbitantes. Acho que deveriam nos proporcionar a ida às comunidades, não ficar restrito à beira (Visitante, 36 anos. Entrevista concedida em janeiro de 2015).

Observamos que os pequenos restaurantes são de moradores que dividem o mesmo espaço como moradia e local de trabalho, ou seja, fizeram da sua casa um meio

³ Os restaurantes e bares na Ilha do Combú são: 1) Netos bar; 2) Ilha Bela; 3) Mirante da Ilha; 4) Paladar da Amazônia; 5) Combú da Amazônia; 6) Saldosa Maloca; 7) Portas Abertas; 8) Maloca da Saudade; 9) Sabor da ilha; 10) Maloca do Pedro; 11) Bar do Buá; e 12) Bar do Chico.

de subsistência. Estes estão localizados principalmente no furo da paciência. Esses moradores comercializam refeições a preços mais acessíveis, e têm um cardápio mais reduzido em relação aos grandes restaurantes. Nos restaurantes menores, observamos que muitos moradores frequentam esses locais.

No ambiente frequentado principalmente por visitantes estão os grandes restaurantes, tendo a beira do rio como palco e a cidade de Belém como vista, e as práticas e equipamentos para o lazer são vendidos a quem pode pagar. Em um desses restaurantes, um dos mais bem estruturados que atrai as pessoas de maior poder aquisitivo, observamos a existência de piscina inflável, escorregador e *playground*. Essa estrutura, segundo um dos donos do restaurante, visa dar certa modernidade ao ambiente da floresta e agradar os visitantes. Principalmente nestes restaurantes mais “sofisticados”, os moradores pouco frequentam, como segue este trecho da entrevista com uma das interlocutoras da pesquisa:

Não, são muito pouco que frequentam, acho que pro morador da ilha acaba sendo muito comum, e sem contar que eu diria que a nossa seleção musical não agrada o morador da ilha. O morador da ilha gosta de música alta, ele gosta de festa de aparelhagem e o Saldosa Maloca ele tem uma proposta diferente, o Saldosa Maloca ele usa a música paraense de uma forma diferente, nós usamos muita; nós usamos o carimbó, nós usamos Lucinha Bastos, Nilson Chaves e vários outros cantores da terra, diferente do tecnobrega, digamos assim, que requer um volume um pouco mais alto, então a gente acaba que não agrada o morador da ilha, mas eu tenho muitos moradores que trabalham comigo no restaurante, não são frequentadores, eles são trabalhadores. (Dona de restaurante, 48 anos. Entrevista concedida em janeiro de 2015).

As principais vivências de lazer dos visitantes entrevistados nesta pesquisa e percebidos durante observação e registro em diário de campo são:

Contemplação da natureza

Ao tratar dos conteúdos culturais do lazer, Marcellino (2000) destaca também a prática do turismo no qual as pessoas buscam quebrar a rotina temporal e espacial, pela busca de novas paisagens, de novas pessoas e costumes. Aspectos expressos nos trechos das entrevistas que seguem:

Venho me divertir, gosto da natureza daqui, desse ambiente agradável, fugir um pouco da cidade sabe, gosto de vir conversar pegando esse ventinho no rosto, isso não tem preço

(Visitante, 23 anos. Entrevista concedida em janeiro de 2015).

Grande parte dos visitantes vai à ilha em busca da tranquilidade e de um ambiente de natureza e ar puro, para contemplar o rio, a natureza e admirar a cidade de longe, mas ao mesmo tempo tão perto da floresta, além de apreciar a culinária amazônica, classificada como exótica, por reunir um forte teor indígena, também faz com que o visitante se interesse bastante pela gastronomia que os restaurantes oferecem.

Gastronomia

Os pratos típicos da culinária do Pará e da Amazônia, como peixes de diversas espécies que são servidos assados, cozidos, fritos e com variados acompanhamentos como o açaí, tucupi e macaxeira; os sucos de diversas frutas como taperebá, bacuri e cupuaçu; e as sobremesas feitas com castanha-do-pará e chocolate de cacau permeiam as conversas, aguçam os sentidos e proporcionam emoções nas experiências gastronômicas na ilha do Combú.

Combuzada

A Combuzada é uma festa organizada por estudantes de diversos cursos da Universidade Federal do Pará no restaurante “Maloca da Saudade”, ocorre de quinze em quinze dias. Sempre às sextas feiras, uma embarcação sai do trapiche da Universidade e atravessa o rio, os estudantes promovem a festa com o objetivo de beber, conversar, dançar, banhar-se no rio, recitar poemas entre outros interesses.

Beber, conversar, socializar

Procurando o papo sem compromisso, os estreitamentos afetivos através da amizade, da companhia, das conversas ao som de música e cerveja gelada, os vários interesses sociais se fazem presentes nas entrevistas dos interlocutores da pesquisa, na maioria das experiências de lazer que ocorre nos espaços dos restaurantes e praticados por visitantes. Fora esses interesses, muitos visitantes usam os espaços dos restaurantes para tomar banho no rio, nadar próximo do trapiche ou em espaços construídos para este fim.

Eu gosto desse ambiente de mato, gosto de beber com amigos, conversar, tomar banho. Às vezes algum amigo que tem amigo com lancha a gente passeia pelos furos, se diverte e é legal a ilha, nós somos privilegiados de ter isso aqui, eu venho pela natureza mesmo [...] (Visitante, 23 anos. Entrevista concedida em janeiro de 2015).

A busca pelo relaxamento, por um refúgio para relaxar e fugir do estresse faz com que cada vez mais se busque a natureza e espaços verdes para as experiências de lazer,

utilizando o espaço para convivência social, contemplação, etc. O discurso dos interlocutores visitantes, na maioria das entrevistas, foi à busca pelo contato com a natureza e a fuga do espaço urbanizado. Esta busca começa já na travessia, ao sentir a brisa da maré e as ondas do rio a bater no casco das embarcações que levam ao espaço de beleza e tranquilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os moradores da ilha do Combú, com todas as peculiaridades que a cultura da floresta propicia, têm suas vivências de lazer baseadas na sua relação cotidiana com o rio, com a floresta, com as festas de santo e com tudo que permeia esse universo de águas em que estão inseridos.

Observou-se que, embora haja uma cultura lúdica muito própria da Ilha no cotidiano de lazer dos moradores, também há certa urbanidade nos hábitos, no que tange às práticas de lazer provenientes da cidade, como as festas de aparelhagem e o constante deslocamento da Ilha para a vivência de lazer na cidade de Belém. Não que isto seja um problema, ao contrário, viver e desfrutar da produção cultural existente é imprescindível. No entanto, percebemos como fundamental o investimento em políticas públicas que potencializem a produção cultural local, que garanta espaços e equipamentos condizentes com o ambiente da floresta, assim como animação cultural que valorize a cultura tradicional das comunidades como uma forma de fortalecimento das identidades locais.

Percebemos que para o morador da Ilha há diversificadas vivências de lazer em diálogo com a natureza, de modo que as práticas lúdicas são reveladoras de identidades específicas, na confluência com as outras dimensões da vida, constituindo, assim, o lazer da floresta. No entanto, também almejamos o acesso a alguns equipamentos de lazer.

Com relação aos visitantes, percebemos que estes trazem hábitos arraigados de sua cultura urbana para o ambiente da floresta. E, embora os visitantes desejem ter vivências e experiências de lazer, estes se limitam aos espaços dos restaurantes, tanto pela falta de incentivo de animadores culturais da/na ilha, quanto pela falta de uma educação pelo/para o lazer em ambientes que não sejam na cidade.

Diante desse contexto, faz-se necessária a implementação de políticas públicas de lazer e turismo que beneficiem moradores e visitantes. A partir da realidade investigada, sugerimos:

Melhoria no acesso à ilha, tanto para os moradores quanto para os visitantes, com revitalização da Praça Princesa Izabel, reforma nos trapiches, reimplantação do posto de informações turísticas, assim como a contratação de guardas municipais para a segurança do local;

A criação de um roteiro de passeio pela ilha, com dias e horários regulares para a saída de embarcações da praça, em consonância com os moradores da Ilha e donos dos

restaurantes;

Criar políticas de animação cultural, em parceria com os restaurantes, que promovam ações educativas voltadas para e pelo lazer, que valorizem a cultura local, respeite a floresta e permitam um maior intercâmbio entre os moradores e os visitantes;

Incentivar a cultura lúdica tradicional da Ilha (brincadeiras, jogos, festas etc.) e a preservação da natureza, como forma de valorizar a produção cultural local;

Construir espaços e equipamentos de lazer, em diálogo com os moradores, para conhecer a real necessidade dos residentes da comunidade, tendo em vista a adequação desses espaços à realidade amazônica.

REFERÊNCIAS

BAHIA, M. C.; FIGUEIREDO, S. L. Os espaços verdes e os equipamentos de lazer: um panorama de Belém. **Licere**, v. 11, p. 1-17, 2008.

BAHIA, M. C.; SAMPAIO, T. M. V. Lazer – Meio Ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas. v. 28, n. 3, p. 173-189, maio 2007.

BATISTA, Socorro Miranda Batista. Cultura Ribeirinha: a vida cotidiana na ilha do Combú-PA. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2011. São Luís. **Anais...** São Luís, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DERGAN, João Marcelo Barbosa. **História, memória e natureza: as comunidades da Ilha do Combú-Belém-PA**. 2006. 217f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Christianne L. Reflexões sobre os significados de recreação e de lazer no Brasil e emergência de estudos sobre o assunto (1926-1964). **Conexões**, São Paulo, v. 1, p. 1-14, 2003.

MARCELLINO, Nelson C. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. O Lazer e os Espaços na Cidade. In: ISAYAMA, Hélder e LINHALES, Meily Assbú (org). **Sobre Lazer e Política: maneiras de ver, maneira de fazer**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006, p. 65-92.

_____. **Lazer e Educação**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2003.

_____. **Lazer e Humanização**. 4.ed. Campinas: Papirus, 2000.

MATOS, L. S. Belém: do direito ao lazer ao direito a cidade. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e esporte: políticas públicas**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 117-139.

MELO, V. A. de. **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas: Papirus, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUZA, Jorge Alex de Almeida. Relação entre o urbano e o ribeirinho no desenvolvimento do turismo em São Domingos do Capim. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 12, 2007, Belém. **Anais...** Belém: ANPUR, 2007.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

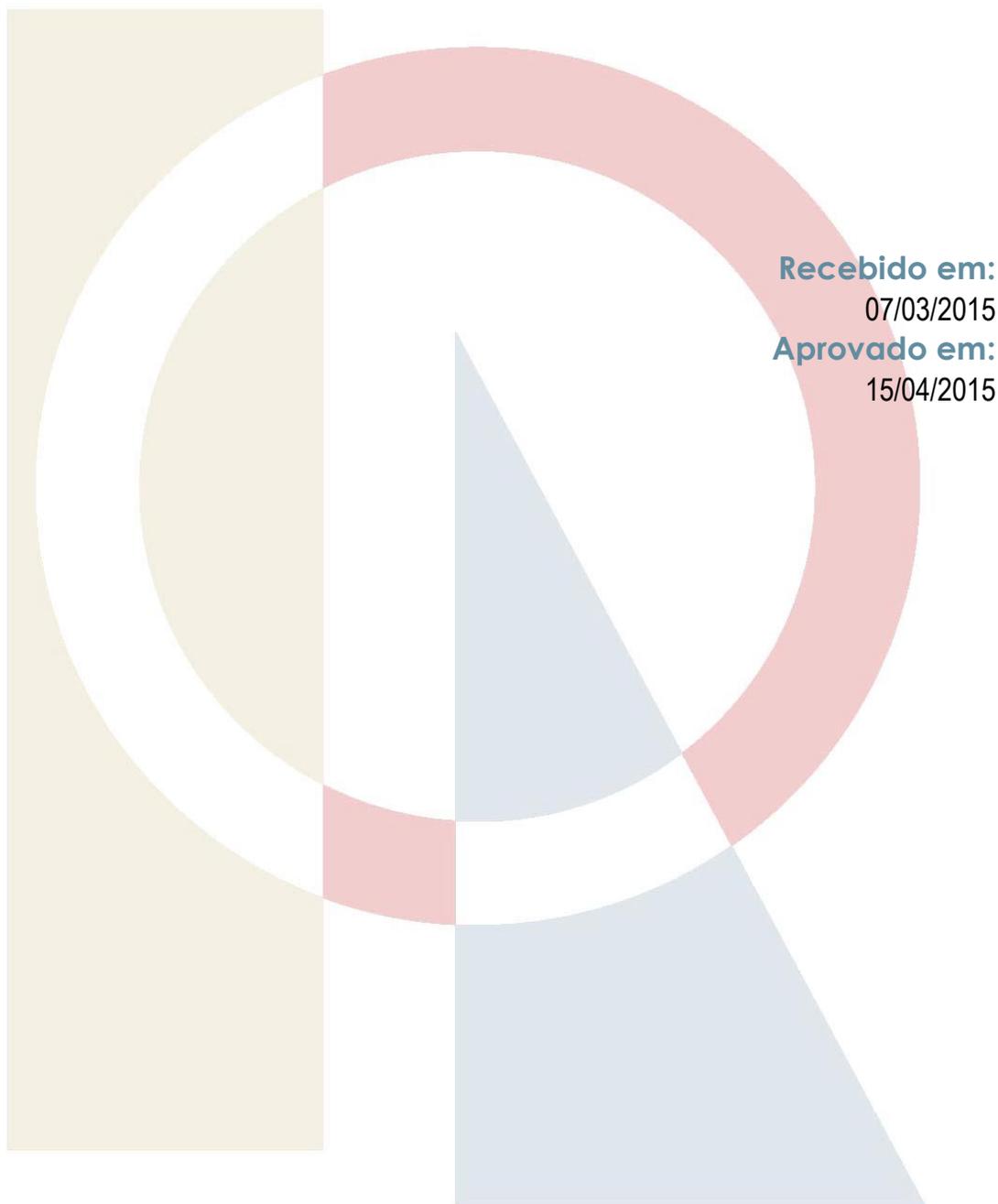
TEIXEIRA, S.R.S.; ALVES, J.M. O contexto das brincadeiras das crianças ribeirinhas da Ilha do Combú. **Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, v.21, n.3, 2008.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Pesquisa em educação: a observação**. v. 5. Brasília: Plano, 2003.

VILLAVERDE, Sandoval. **Refletindo sobre lazer/turismo na natureza, ética e relações de amizade**. In: MARINHO, A. e BRUHNS, H. T. (Orgs.) Turismo, lazer e natureza. Barueri: Manole, 2003.

Endereço para correspondência

Universidade federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação, sala 11, Moçarai
Rua Augusto Corrêa, 01, Belém, Pará, 66075-110



Recebido em:
07/03/2015
Aprovado em:
15/04/2015